

## **Memória e vida escolar de Paschoal Lemme:** da cartilha à Escola Visconde De Cairu (1911-1917)

*José de Arimatéa Freitas Aguiar Júnior<sup>1</sup>*

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo principal investigar de que forma se constituiu o ensino em escolas primárias no Brasil Republicano no início do século XX, a partir dos estudos autobiográficos de Paschoal Lemme registrados em seu livro “Memórias 1: Infância, Adolescência, Mocidade”. Ao longo da pesquisa, os questionamentos giraram em torno da escolarização primária no Brasil, do cotidiano escolar, das práticas de reprimendas no universo da educação, da influência e dos comportamentos de professores perante os desafios do ensino. Utilizou-se uma documentação ampla que contemplou estudos de memória, da história e da História da Educação. A partir das reminiscências de Paschoal Lemme, podemos visualizar as práticas adotadas no ensino primário no Brasil, entre elas a memorização e os castigos. No entanto, foi dado espaço para outras vivências que possibilitaram um convívio mais prazeroso no ensino e que influenciou a vida de Paschoal Lemme.

**Palavras-chave:** Escola primária. Memória. Ensino. Cultura Escolar. Paschoal Lemme.

**Abstract:** This article has as main objective to investigate the form of teaching in primary schools in Brazil Republican in the early twentieth century, from the autobiographical studies of Paschoal Lemme recorded in his book "Memories 1: Childhood, Adolescence, Youth." Throughout the research, the questions revolved around primary schooling in Brazil, school daily life, reprimand practices in the universe of education, influence and behaviors of teachers facing the challenges of teaching. A wide documentation was used that contemplated studies of memory, history and History of Education. From the reminiscences of Paschoal Lemme, we can visualize the practices adopted in the primary education in Brazil, among them the memorization and the punishments. Nevertheless, it was given space for other experiences that made possible a more pleasant conviviality in the education and that influenced the life of Paschoal Lemme.

**Keywords:** Primary school. Memory. Teaching. School Culture. Paschoal Lemme.

### **Memory and school life of Paschoal Lemme: from the playbook to the Viscount De Cairu School (1911-1917)**

---

<sup>1</sup> Mestre em História do Brasil - UFPI. Especialista em Estado, movimentos sociais e cultura - UESPI. Graduado em História - UESPI. [arimateaaguiar@hotmail.com](mailto:arimateaaguiar@hotmail.com)

## Introdução

O interesse em realizar um estudo sobre as memórias de Paschoal Lemme reporta-se a disciplina História e Memória da Educação, ministrada pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria do Amparo Borges Ferro, durante a realização do Mestrado em História do Brasil na Universidade Federal do Piauí. Esta professora solicitou um estudo científico a cerca de obras que retratassem a cultura escolar brasileira no início do século XX.

A partir do contato com uma bibliografia pesquisada escolheu-se como objeto de estudo o livro de Paschoal Lemme intitulado *Memórias 1: Infância, Adolescência, Mocidade*. Este livro foi utilizado como obra principal no que tange a escolarização no Brasil nas primeiras décadas do século XX. Outras obras e referências concernentes a cultura escolar brasileira foram empregadas no sentido de construir um cenário do cotidiano do ensino primário no período estudado.

É interessante observar que o autor analisado publicou vários livros autobiográficos<sup>2</sup> e sobre a Educação no Brasil, entre eles temos: “Memórias 1: Infância, Adolescência, Mocidade”<sup>3</sup>; “Memórias 2: Vida de Família, Formação Profissional, Opção Política”<sup>4</sup>; “Memórias 3: Reflexões e estudos sobre problemas da educação e ensino. Perfis: Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, Heloisa Alberto Torres, Humberto Mauro, Sousa Silveira”<sup>5</sup>. Estas obras foram publicadas, em 1988, pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP e pela Editora Cortez. “Memórias 4: Estudos e reflexões sobre problemas de educação e do ensino – Participação em conferências e congressos nacionais e internacionais, documentos”; “Memórias 5: Estudos de Educação e destaque da

---

<sup>2</sup> De acordo com o pesquisador Antônio de Pádua Carvalho Lopes, tem se consolidado um interesse constante por escritas autobiográficas no campo educacional. Onde os sujeitos falam de si, construindo um texto em que sua trajetória de vida é o elemento central, mesmo que abordem temas outros (LOPES, 2006. p. 12-13). Percebe-se que no estudo autobiográfico de Paschoal Lemme, até mesmo na estrutura dos capítulos do livro, que ele narra sua trajetória de vida. Em um universo relacionado às suas origens, seu bairro, professores, o interior, a Escola Normal, trabalho, espiritismo, casamento, entre outros.

<sup>3</sup> Obra principal analisada neste estudo, dividida em 13 capítulos nos quais o autor narra desde o ano de seu nascimento em 1904 até o ano de seu casamento em 1927. Nesse intervalo tendo estudado em algumas escolas do Rio de Janeiro onde realizou o curso primário, o curso normal na Escola Normal do Rio de Janeiro e por fim estudou na Escola Politécnica do Rio de Janeiro.

<sup>4</sup> Esse volume 2 de suas Memórias é dividido em dez capítulos e abrange o período de dez anos, de 1928 a 1937. Começa com sua convocação para fazer parte da equipe que realizou a grande reforma de ensino na Capital do país, sob a liderança de Fernando de Azevedo e também com o nascimento de seu primeiro filho e termina, dramaticamente, com a prisão de caráter político que Paschoal Lemme sofreu, de fevereiro de 1936 a junho de 1937.

<sup>5</sup> Profundamente comprometido com a luta por uma escola pública melhor, ele começou a construí-la com Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira, nas duas reformas do ensino do Distrito Federal, no final da década de 1920 e início da década de 1930. Depois Paschoal Lemme percebeu que a educação refletia problemas bem mais estruturais da organização social: “Não há educação democrática, a não ser em uma sociedade verdadeiramente democrática” (LEMME, 1988).

correspondência com Fernando de Azevedo e outros”, foram publicados pelo INEP, respectivamente, em 1991 e, após sua morte, em 2000.<sup>6</sup>

### **Paschoal Lemme e a Memória como um objeto de reflexão.**

No livro “Memórias 1: Infância, Adolescência, Mocidade”, o autor fala de suas hesitações, de várias naturezas, que fizeram com que adiasse por vários anos a publicação de suas Memórias. Ele descreve, principalmente, o sentimento pessimista inveterado que o dominou e da suposta desimportância de tudo que ele fez ou escreveu. E resolve publicá-las devido ao estímulo que recebeu dos parentes e amigos.

Paschoal Lemme nasceu no Rio de Janeiro em 1904 e faleceu no mesmo local em 1997, foi um dos mais importantes e conceituados educadores brasileiros, responsável por inovar a visão sociológica da educação e o papel da escola dentro da sociedade. Paschoal Lemme atuou como professor e administrador na rede pública de educação e foi partícipe de profundas mudanças no sistema de ensino. Seu nome figura em todas as importantes reformas da educação brasileira do século XX: participou ativamente da reforma da instrução pública juntamente com Fernando de Azevedo e Anízio Teixeira; foi pioneiro na educação para adultos; promoveu os cursos supletivos na União Trabalhista; e foi um dos autores do Manifesto dos Inspectores de Ensino do Estado do Rio de Janeiro.<sup>7</sup> Apesar da sua trajetória como professor e administrador na área da educação, o que foi retratado neste estudo foram suas memórias de estudante em que realizou o curso primário no Rio de Janeiro, entre os anos de 1911 e 1917.

Paschoal Lemme recebeu diversos prêmios e honrarias, como a Comenda da Ordem Nacional do Mérito Educativo (1993); o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal Fluminense (1955); o título de Professor Emérito pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (1996).

A preservação e disseminação da obra de Paschoal Lemme são de grande valor para o conhecimento da história da educação do Brasil. Especialmente, neste estudo, tentaremos

---

<sup>6</sup> Paschoal Lemme publicou várias obras a partir da década de 1940 sobre educação supletiva, educação de adultos, a situação do ensino no Brasil. Sendo que nos últimos anos de sua vida dedicou-se a escrever suas Memórias divididas em volumes.

<sup>7</sup> Para mais detalhes ver: <http://www.paschoallemme.com.br/apresentacao.html>. Acessado em 26. 01. 2013, as 16: 10.

compreender, através de sua trajetória escolar, como se compôs a escolarização de crianças e adolescentes no Brasil republicano do início do século XX.<sup>8</sup>

Na abertura do seu livro *Memórias 1*, o autor destaca suas perspectivas referente as memórias que pretende publicar:

É impossível reproduzir em palavras os momentos “idos e vividos”. Os tempos passados “que não voltam mais” são passíveis apenas de uma evocação imperfeita, pois são irreproduzíveis as circunstâncias que os criaram e a tessitura de emoções em que aconteceram. A vida flui continuamente e o ser se transforma com o perpassar do tempo. [...] Assim, memórias, confissões, recordações, evocações pouco mais podem ser do que quadros depurados daquilo que restou do que se conseguiu captar nesse fluxo incessante que é o complexo processo da vida de cada um (LEMME, 1988. p. 15).

Paschoal Lemme se refere aos momentos passados como excepcionais e da impossibilidade de serem resgatados em sua totalidade, pois “[...] os próprios atores sofrem uma transformação: afundam-se lenta e profundamente no oceano da memória, como corpos pesados, descobrindo em cada escalão uma nova avaliação no coração humano” (LEMME, 1988. p. 15-16). Maurice Halbwachs, nos seus estudos sobre *Memória Coletiva*, afirma que o depoimento não tem sentido senão em relação a um grupo do qual o depoente faz parte, depende do quadro de referência no qual evoluem presentemente o grupo e o indivíduo que o atestam.

Em sua obra *Memória Coletiva*, o autor referido constata:

Fazemos apelo aos testemunhos para fortalecer ou debilitar, mas também para completar, o que sabemos de um evento do qual já estamos informados de alguma forma, embora muitas circunstâncias nos permaneçam obscuras. [...] Mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 1990, p. 25-26).

Outro teórico de Memória que ressaltou o quanto a memória individual se ancora na memória coletiva foi Michael Pollak, descrevendo-a da seguinte forma:

---

<sup>8</sup> O levantamento, a organização, a catalogação e a digitalização da obra de Paschoal Lemme, encontram-se disponibilizada na internet. Assim também como as obras de Paschoal Lemme encontram-se divididas em três grandes coleções: uma parte na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), outra na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e uma terceira em posse da família de Paschoal Lemme.

A priori, a Memória parece ser um fenômeno individual, algo íntimo, próprio de cada pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos de 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social. Ou seja, fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações e mudanças constantes (POLLAK, 1992, p.200-215).

Em outro estudo de Michael Pollak, ele fala que a memória coletiva é a memória comum, a da duração, continuidade e estabilidade. Esta memória é fortemente constituída, reforçando sentimentos de pertencimento, e a referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições (POLLAK, 1989). Outro autor que discorre sobre a memória é Fernando Catroga. Ele aponta que a memória individual é formada pela coexistência tencional e nem sempre pacífica de várias memórias (pessoais, familiares, grupais, religiosas, nacionais, etc), em permanente construção devido à incessante mudança do presente em passado (CATROGA, 2001).

Nesse sentido, constata-se a existência da memória individual, porém esta se encontra dentro de solidariedades múltiplas nas quais grupos estão engajados. Nada escapa à trama da existência social. E é de todo esse emaranhado que emerge a lembrança, traduzida em uma linguagem. Segundo Paschoal Lemme, outra limitação da exatidão das biografias é a própria linguagem, instrumento imperfeito, com o qual não se consegue retratar todos os infinitos aspectos de uma dada situação, todas as circunstâncias de um momento vivido.

Loiva Otero Félix refere-se à memória como um dos suportes essenciais para a definição dos laços de identidade. E se reporta ao século V a. C, para mostrar o quanto a memória já era valorizada para manter a coesão dos laços sociais. Numa sociedade de fundamento mito-poético, o aedo<sup>9</sup> desempenhava esse papel. Era este quem, através das musas inspiradoras resgatava a memória e sua importância. A memória era sacralizada. No século XX, a pesquisadora coloca a memória como um importante objeto de reflexão nas ciências humanas. Devido à problemática multifacetada que os estudos de memória permitem na contemporaneidade.

A Nova História Cultural influenciou os pesquisadores no Brasil e no mundo a investigarem outros temas antes considerados secundários pela própria História da Educação. Um novo olhar foi dado à História da Educação. A “revolução” provocada no campo da História, sobretudo pela Escola dos Annales, e posteriormente pelo que se convencionou

---

<sup>9</sup> Poeta cantor na sociedade grega, tinha a função de celebrar os imortais bem como as façanhas dos homens corajosos. Nesse âmbito o ‘poeta era arbitro supremo’. Deixando de ser ‘funcionário da soberania’ para colocar-se a ‘serviço da comunidade de semelhantes’, era o poeta que concedendo ou negando a memória, determinava o valor de um guerreiro (FÉLIX, 1998. p. 36-37).

denominar de Nova História, novas fontes passaram a serem utilizadas, novos objetos de estudo tornaram-se possíveis no âmbito historiográfico (LOPES; GALVÃO, 2001).

Passaram a fazer parte dessa história fontes até então consideradas pouco confiáveis e científicas, constituindo indícios para a representação de um passado. Temas como cultura e cotidiano escolares, a organização e o funcionamento interno das escolas, a construção do conhecimento escolar, o currículo, entre outros, incidiram a fazer parte das reflexões dos pesquisadores. Logo os estudos de memória tornaram-se uma ferramenta possível, a tal ponto que diversos trabalhos contemporâneos a elegem como um aporte teórico plausível.

### **Escolarização Primária no início do século XX.**

No capítulo 1, intitulado: O chalé da Rua Figueiredo, de suas Memórias, Paschoal Lemme destaca em suas lembranças a sua inserção nos estudos na Escola primária:

Deveria andar lá pelos cinco ou seis anos de idade, pois, exatamente ao completar os sete, um desses acontecimentos maiores ficou registrado: minha entrada para a escola primária. Esse fato, aparentemente incomum, pois meu aniversário natalício ocorria em novembro, quase no fim do ano, portanto, explicava-se pelo zelo de meus pais em iniciar minha educação sistemática exatamente quando isso se tornava possível pelos regulamentos da época, pois, a esse tempo, as escolas primárias, sem qualquer rigidez, recebiam os alunos em qualquer dia do ano letivo (LEMME, 1988, p. 21).

Nessa citação Paschoal evidencia o quanto seus pais tiveram o cuidado em iniciar o garoto no ensino primário assim que completou a idade aceitável de ingresso na escola. Mesmo com o fim do ano que se aproximava, isto não era fator para tardar o acesso ao menino do subúrbio do Méier na escola, na então capital da República, no Rio de Janeiro.

Paschoal Lemme evidencia em suas memórias de menino o trajeto que fazia para chegar à escola naquele período, que situava-se no próprio bairro do garoto. Outro ponto analisado é a relação estabelecida com a sociedade carioca do período, inclusive a relação de punições e castigos no ambiente familiar:

Nesses primeiros anos de nossas vidas, praticamente, só usávamos os transportes para os passeios a lugares mais distantes. Para a escola, para as compras e tudo mais, ia-se à pé, pois tudo ficava próximo do bairro, verdadeira comunidade. O contato com as pessoas era direto, e se fazia com todas as categorias profissionais: com o lixeiro, com o padeiro, com o quitandeiro, com o professor... Até mesmo a “vara de marmelo” estabelecia

relações íntimas entre pais e filhos para corrigir os desvios mais graves (LEMME, 1988. p. 37).

A partir da citação exposta percebemos que os castigos não ficavam restritos apenas no cenário da educação brasileira, mas que estas medidas foram utilizadas no início do século XX para ajustar comportamentos que não condiziam com o aceitável no ambiente familiar. Paschoal Lemme em suas Memórias considerava-se um menino tímido, profundamente emotivo. Conviveu com seus irmãos, 8 homens e 4 mulheres, destacando que muitas vezes foram contidos com a ajuda da vara de marmelo, que ficava sempre presente no canto da sala de jantar, e, quando inutilizada pelo uso, eles próprios eram mandados a adquirir outra nova na quitanda do Sr. Manuel (LEMME, 1988).

No capítulo em que descreve o bairro do Méier no Rio de Janeiro, destaca em suas reminiscências o bairro, sua casa e a escola como o universo de sua infância, adolescência e juventude.<sup>10</sup> Nas primeiras décadas do século XX, no bairro referido, Lemme reporta-se ao convívio familiar e sua vida em relação aos estudos, pela repercussão mais ou menos intensa de alguns acontecimentos. Nesse âmbito constata:

Não diria que detestei minha infância, mas também não seria sincero se afirmasse que a evoco com excessivo sentimento de saudade. É que, como se sabe hoje, na vida de uma criança e, especialmente, de um adolescente, nem tudo transcorreu entre flores, alegrias e sorrisos, como se quis fazer crer, e a escola nem sempre foi “risonha e franca”... [...] Essa não é uma queixa, mas apenas uma constatação tardia e sem remédio, que tantos outros poderiam fazer... Eram contingências dos hábitos e práticas da educação da época e também da essência repressiva da própria civilização (LEMME, 1988, p. 91-92).

Paschoal Lemme narra que foi sua mãe, Dona Maria do Nascimento Paes, que o iniciou nos segredos da leitura e da escrita antes de ingressar na escola. A genitora do menino do Méier demonstrava aptidões na educação e no ensino, pelo menos em relação ao grupo dos quatro primeiro filhos, dos dezesseis que teve.<sup>11</sup>

---

<sup>10</sup> Segundo Paschoal Lemme o Bairro do Méier formou-se e expandiu-se a partir da antiga “Parada” dos trens da Estrada de Ferro Central do Brasil, esta inaugurada, em seu primeiro trecho, em 1858. Ali, naquela área considerado subúrbio do Rio de Janeiro, Paschoal Lemme nasceu e viveu até o fim da juventude, somente o deixando aos 22 anos (1926) para iniciar nova vida, já com profissão definida e, no ano seguinte, com o casamento (LEMME, 1988).

<sup>11</sup> A mãe de menino Paschoal Lemme chegou a fazer estudos preliminares para seguir a carreira do magistério, com Deolinda de Castro, educadora do período. Motivos de ordem particular, ligados a atrito familiar, fizeram com que se desfizesse do seu sonho de se tornar professora primária. E sempre se mostrava descontente com esse fato. Ver mais em: (LEMME, 1988).

Outro acontecimento que Paschoal rememora no período de início dos estudos foi o acesso à cartilha de Thomaz Galhardo:

Impressa em modesto papel de jornal, em preto e branco, tão divulgada na época, era o instrumento mais frequentemente utilizado. E o método consistia na memorização das lições que se sucediam, página a página, numa graduação que se considerava então como a mais lógica e natural para a aprendizagem. Começava-se pelo alfabeto, primeiro as vogais que se ‘decoravam’ pela repetição inúmeras vezes, até que se conseguia desenhar razoavelmente aqueles sinais, que para uma criança de seis ou sete anos eram verdadeiros hieróglifos. Depois vinham as consoantes; passava-se em seguida aos ditongos e depois às combinações das consoantes com as vogais. [...] Por fim, apareciam pequenas historietas e poesias, que eram lidas e decoradas aos gaguejos, pela pouca segurança ainda nos domínios dos elementos fundamentais da linguagem. Uma das últimas lições da cartilha era uma pequena poesia, que ainda hoje, passados quase setenta anos, me é grato recordar (LEMME, 1988. p. 95-96).

Uma das práticas correntes na época, segundo Paschoal Lemme, eram os castigos que povoavam esse universo do aprendizado e refere-se “[...] a atenção para a leitura e o estudo nessa enfadonha memorização era frequentemente ativada pelo ‘método pedagógico’, dos piparotes nas orelhas ou dos ‘suaves’ golpes de vara na cabeça” (LEMME, 1988. p. 97).

É interessante observar que outros estudos, no âmbito da Literatura e da História da Educação, constataam que a técnica da memorização e das advertências em forma de castigos eram frequentes no universo do ensino brasileiro no início do século XX. Maria do Amparo Borges Ferro com seu estudo sobre Viriato Corrêa e sua obra “Cazuza: memórias de um menino de escola”, ao analisar a passagem de Cazuza por sua primeira escola primária no povoado de Pirapemas no Maranhão, analisa como a figura do Professor João Ricardo era um sujeito carrancudo que se valia da palmatória e de outros meios que despertava horror nos alunos do período.<sup>12</sup>

A terminação da cartilha era saudada com grandes elogios e a passagem para um livro de melhor apresentação gráfica, contendo estampas em papel acetinado, era ansiosamente

---

<sup>12</sup> Maria do Amparo Borges Ferro nesse estudo analisa a trajetória do personagem principal- Cazuza- em sua passagem por três escolas primárias. A primeira localizada próximo de sua casa em Pirapemas-Maranhão, a segunda na Vila de Coroatá- Maranhão e a terceira na capital São Luis, no Colégio Timbira. A pesquisadora nesse estudo faz um levantamento da obra de Viriato Correa e recompõe o cotidiano escolar de crianças brasileiras na transição do século XIX para o XX. (FERRO, 2010).



aguardado, segundo Paschoal Lemme. Mas isso só acontecia, geralmente, após introduzir-se no mundo escolar.

O menino do Méier teria ingressado aos sete anos, graças aos esforços de sua genitora, e foi matriculado em uma escola pública dirigida á época pela professora Olímpia de Castilhos, situada no alto do morro do Vintém, próximo da casa de Paschoal, situada na Rua Figueira. A escola de “Dona Olímpia”, denominada mais tarde “Professor Visitação”, ocupava enorme casarão em meio de frondosas mangueiras, Paschoal Lemme teria ficado pouco tempo nesta escola, porém foi nela que teve acesso às historietas adaptadas de livros nacionais e estrangeiros, considerados pelo garoto como mais interessantes (LEMME, 1988).

O número reduzido de escolas primárias, naquele período, é destacado por Paschoal:

[...] Eram frequentadas pelos filhos das famílias de classe média, pois as crianças de nível econômico mais baixo cresciam quase todas analfabetas. Essas poucas escolas se faziam conhecidas pelos nomes de suas diretoras ou diretores. [...] Esses estabelecimentos de ensino estavam quase todos instalados em prédios comuns de residência, mal adaptados, e, na maioria deles, em dependências internas, moravam os diretores e mesmo professores (LEMME, 1988, p. 98).

A segunda escola frequentada pelo jovem do Méier foi uma escola mista, localizada na rua mais alta do bairro. Nesta segunda escola, apresenta pouco destaque em sua vida escolar, refere-se a apenas um episódio relacionado à Professora Leopoldina, que desprendia pouca atenção aos seus alunos. Porém, o que evidencia é a grande paixão platônica que manteve pela filha da professora, a menina Zuleika.

No capítulo que Paschoal Lemme dedica a “Leitura e livros”, demonstra em suas Memórias que o fato de ter sido tímido na infância, o levaram a buscar nas leituras, nos livros e na literatura em geral respostas a várias questões que ficavam fora da esfera da aprendizagem sistemática ou formal.

Segundo o autor analisado, a iniciação à leitura se fazia geralmente no nível da escola primária, através dos livros de leitura de classe, que incluíam entre os autores, grandes nomes da literatura nacional e estrangeira. Desse período, Paschoal Lemme guarda viva recordação do livro “O Coração”, de Edmundo de Amicis, obra que encantou e sensibilizou muitas gerações de jovens brasileiros e de todo o mundo:

[...] Impresso em papel barato de jornal, e editado pela Livraria Francisco Alves, de apresentação, portanto, mais do que modesta. Neles, defrontamos com aquelas cenas tão singelas da vida escolar, retratando exatamente as

situações que nos eram familiares, com professores, alguns dedicados até os extremos de sacrifícios e bondade, outros amargos, carregando seus problemas íntimos, como homens ou mulheres que eram; os colegas, alguns excepcionais, capazes de grandes emoções, estudiosos, aplicados, outros grosseiros, covardes, impertinentes e até brutais e ainda outros apenas gaiatos, brincalhões, sempre prontos para uma traquinada (LEMME, 1988, p. 142).

Outros autores evidenciam a relevância da obra *Coração de Edmundo Amícis* para a educação brasileira. Para Maria Helena Camara Bastos, o livro, publicado em 1886, era recomendado para crianças entre 9 a 13 anos. Segundo a pesquisadora, foi uma obra de leitura de formação, pois procurava educar e moldar o leitor, na perspectiva do ensinamento da moral e das virtudes cívicas (BASTOS, 1998).

São destacados contos mensais, que emocionavam a meninos e meninas do período, como *“Patriotazinho de Pádua”*, *“O limpador de chaminés”*, *“O pequeno vigia lombardo”*, *“O pequeno escrevente florentino”*, *“Dos Apeninos aos Andes”*, *“Sangue romanholo”* e tantos outros. E também havia cartas, assinadas *“Teu pai”* ou *“Tua mãe”*, que tocavam a juventude com seus conselhos, reprimendas, suas advertências, mas sempre repassadas de amor e de carinho pelo filho que se preparava para a vida na escola (LEMME, 1988).

### **Professor Teófilo e a Escola Visconde de Cairu**

Entre as escolas que Paschoal Lemme frequentou e cursou o ensino primário<sup>13</sup> foi a terceira que ele dedicou mais atenção e destaque em livro *“Memórias 1: Infância, adolescência, mocidade”*. Nesta escola permaneceu por vários anos até concluir o curso primário e complementar. Na instituição sofreu a influência de um educador que, segundo ele, era muito dedicado e com grande vocação destinada ao ensino, apesar da precariedade dos cursos de formação de professores e a grande quantidade de mestres leigos, sem qualquer curso. Na época a didática, a metodologia e as técnicas de ensino ainda ensaiavam seus primeiros passos (LEMME, 1988).

---

<sup>13</sup> Apesar de Paschoal Lemme reportar-se a apenas três escolas na sua trajetória do ensino primário, no capítulo seis de suas *Memórias 1*, o autor retrata que em 1916 sua família teve que morar por um tempo na cidade de Barra Mansa no Rio de Janeiro, na residência de seus avós maternos. Estes insistiam muito para a família Lemme passar uma temporada por lá. A perspectiva de uma permanência longa na cidade de Barra Mansa, levou que a mãe de Paschoal matriculasse ele e os irmãos no Grupo Escolar local *“Fagundes Varela”*, dirigido pelo professor Felinto Elísio para dar continuidade ao curso primário. (LEMME, 1988).

A escola era para meninos e rapazes e estava instalada em um prédio residencial, assobradado localizado também no bairro do Méier. Na época da matrícula de Paschoal Lemme nesta escola, a mesma era dirigida pelo professor Lima e Silva, e era denominada 2ª Escola Masculina do 9º distrito escolar.

Os sete anos de extensão dos cursos primários da época eram divididos em 3 etapas: elementar (3 anos), médio (2 anos) e complementar (2 anos). As condições de vida das famílias de classe média permitiam manter os filhos nas escolas primárias até uma idade relativamente avançada e assim é que podiam ser encontrados nela rapazes de 16, 17 e até 18 anos. Um atrito do Professor Lima e Silva, com alguns alunos de mais idade teria sido a causa do seu afastamento da direção da escola (LEMME, 1988).

Foi substituído pelo professor Teófilo Moreira da Costa, homem de maneira simples e fala mansa, quando não irritado com alguma ocorrência escolar. O fato é que, aos poucos, a escola começou a sentir sua influência: a disciplina se restabelecia e a classe dos mais velhos recebia uma atenção especial do novo diretor, que também era professor desses rapazes (LEMME, 1988).

Paschoal Lemme dedica um capítulo de suas Memórias ao Professor Teófilo, que teria sido um marco singular na sua vida de infância e em outros períodos de sua carreira profissional. Sobre a rotina escolar com o professor Teófilo destaca:

Os verbos eram cuidadosamente memorizados em todas as suas flexões, regulares e irregulares; as cópias, as leituras junto à mesa, estudadas em casa e “tomadas” pelo professor, ou perante a turma, num treino de desembaraço e boa dicção; as redações todas corrigidas e anotadas eram discutidas em aula; as poesias rigorosamente memorizadas e recitadas em aula, em verdadeiros torneios literários. Guardo bem viva na memória a lembrança desses recitativos, que incluíam poemas bem longos, tais como O melro de Guerra Junqueira; O pássaro cativo de Olavo Bilac; O navio negreiro de Castro Alves; O Juca Pirama de Gonçalves Dias e tantos outros e também sonetos célebres, que até hoje, registrados na memória, somos capazes de repetir quase sem erro (LEMME, 1988. p. 100).

O professor Teófilo tinha planos de maior alcance para a sua escola, empreendeu em 1914-1915 a mudança da escola para outro prédio mais amplo, onde no pavimento superior funcionava a Loja Maçônica Visconde de Cairu, nome que a própria escola adotou mais tarde. A partir do curso sobre trabalhos manuais nas escolas primárias e complementares do Distrito Federal, que assistiu com o educador brasileiro Corinto da Fonseca, o professor Teófilo buscou implantar algumas transformações na Escola Visconde de Cairu.

Em decorrência dos esforços empreendidos pelo professor Teófilo foram instaladas oficinas para trabalhos em madeira, carpintaria, marcenaria, tornearia, envernizamento e empalhação. O ensino de desenho também foi introduzido na época. Diversos profissionais desses ofícios vieram se juntar aos professores de letras, para formar aqueles rapazes, de uma maneira inteiramente nova.<sup>14</sup>

Sobre o trabalho nas oficinas implementadas na Escola Visconde de Cairu, Paschoal Lemme destaca como era realizado o trabalho:

Num horário bastante extenso que ia das 8 ou 9 horas da manhã às 4 ou 5 horas da tarde, trabalhávamos, no primeiro período, nas oficinas. [...] Dentro em pouco, a escola já recebia mesmo encomendas de fora, inclusive de casas comerciais que revendiam os produtos por nós elaborados. Lembro-me perfeitamente que ajudei a preparar muitos quadros-negros e outros utensílios escolares para a Casa Vilas-Boas então o maior estabelecimento do Rio de Janeiro, especializado no material escolar. Depois do almoço, assistíamos às aulas de letras. Nestas, pelas próprias tendências do professor Teófilo, dedicávamos grande parte do tempo à aprendizagem da Língua nacional (LEMME, 1988, p.105).

Em 1916 a escola foi transferida para um prédio mais amplo. O professor Teófilo construiu anexos ao prédio residencial pré-existente para funcionar como galpões especiais para as oficinas e outras instalações. Nesse período o aluno Paschoal Lemme já era veterano, aluno das últimas classes. E em suas Memórias relata destacar-se perante a simpatia e confiança que o professor Teófilo nutria por ele. Chegando a ter assumido classes de alunos menores, nas faltas dos respectivos professores.

Paschoal Lemme foi retratado, em suas memórias de infância, como menino tímido, com pouca experiência, mas, apesar disso, o professor Teófilo sempre fazia elogios nas tarefas desempenhadas pelo aluno Paschoal, chegando a exercê-las até melhor que os professores efetivos (LEMME, 1988). Talvez essa confiança depositada logo muito cedo no jovem aluno do curso primário, pelo professor Teófilo,<sup>15</sup> tenha sido o grande incentivo para Paschoal seguir no caminho do magistério.

---

<sup>14</sup> Em 30 de novembro de 1914, tendo 10 anos no período, Paschoal Lemme recebia seu primeiro diploma de sua vida escolar, de conclusão da 3ª classe do curso elementar. Assinavam o documento, recebido com grande alegria, o professor Teófilo Moreira da Costa, o Inspetor escolar Fábio Luiz e, em caligrafia quase em garranchos, o aluno diplomado. (LEMME, 1988).

<sup>15</sup> O professor Teófilo é retratado nas Memórias de Paschoal como um exemplo de extrema dedicação ao seu trabalho de educador. Os alunos que ele considerava seus melhores discípulos, sem qualquer remuneração e numa enorme sobrecarga de esforço, depois das horas normais do expediente escolar, dispunha-se ainda a prepará-los para os “exames preparatórios”, que eram realizados no Colégio Pedro II, com o objetivo para os mesmos ingressarem nas escolas superiores da época (LEMME, 1988).

Sobre os eventos que aconteciam no interior das escolas, Lemme destaca as comemorações cívicas do calendário escolar. Estas eram realizadas com pronunciamento de diretores e professores, cânticos escolares, declamações de poesias, exibições de educação física. Havia também as exposições de trabalhos escolares, em competição com os outros estabelecimentos do mesmo distrito escolar.

Salânia Maria Barbosa Melo compreende que a função pedagógica da festa é educar a população para a civilidade, para a estética e para as normas morais de comportamentos. Logo os grupos escolares nas décadas de 1930 e 1940 são imbuídos de organizar desfiles cívicos no Piauí, envolvendo a população em um calendário festivo que contemplasse interesses nacionais, como o fortalecimento do patriotismo no Estado (MELO, 2010).

Apesar da figura do professor Teófilo se sobressair como uma pessoa modesta, bondosa. Sua figura de disciplinador e enérgico ecoam nas memórias de Paschoal em dois momentos:

Duas vezes, se bem me lembro, vi-o realmente fora de si. A primeira, como reação a um caso de homossexualismo, que chegara, não sei como, ao seu conhecimento. [...] o segundo episódio recordo-me bem, ligava-se à circunstância de um aluno da classe dos mais velhos ter infringido a proibição terminante de colher frutas verdes, creio que carambolas, das árvores existentes no grande terreno da escola. Sem ter muita certeza da autoria da falta, o diretor responsabilizou um dos rapazes considerados mais endiabrados, useiro e vezeiro em arquitetar traquinadas e confusões, punindo-o com a colocação no pescoço de um colar confeccionado por ele próprio com os frutos verdes da referida árvore e obrigando-o a se exibir durante todo o dia perante os colegas (LEMME, 1988, p.109).

A fama da Escola Visconde de Cairu se alastrava por todos os subúrbios e muitos pais foram “implorar” ao professor Teófilo que aceitasse os filhos, muitos expulsos de outras escolas, por mau comportamento e desleixo nos estudos, para que eles tentassem a recuperação. E o desafio geralmente era aceito, e quase sempre conseguia obter algum resultado com aquela educação baseada no ensino e no trabalho.

Entre os sonhos do professor Teófilo, um era construir um edifício especial para a instalação da escola, pois todos os prédios em que funcionara eram alugados e adaptados. Enfim, depois de várias lutas juntas com as autoridades da Instrução Pública e do Legislativo Municipal, o professor conseguiu que as novas e definitivas instalações de sua escola fossem

construídas em terrenos da antiga Escola Professor Visitação, sendo assim, para bem junto do local em que a vida escolar do menino Paschoal Lemme começara.<sup>16</sup>

O professor Teófilo era um trabalhador apaixonado, que teve como objetivo difundir cultura e amparar o estudante pobre. O professor faleceu aos 49 anos, em 1928. Paschoal Lemme refletiu a influência que sofreu desse professor ao constatar:

É muito difícil descrever em palavras a influência que sobre a minha formação exerceu essa figura de mestre, nunca demasiadamente lembrada. Revendo-o, verifico que nunca chegamos a ter verdadeiramente intimidade, pois sua figura apresentava sempre a aparência de uma grande austeridade, encobrando, por certo, uma ‘interioridade’ rica e complexa que não conseguia expressar com facilidade. Entendíamos, porém, com uma espécie de linguagem sem palavras, que é, sem dúvida, muitas vezes, a única possível e a mais expressiva. Por isso mesmo, não faço a menor ideia do que levou a fazer-me objeto de suas atenções. Talvez por não ter um filho homem? O fato é que sua ação sobrepujou os esforços de meu pai para fazer com que eu o seguisse em suas atividades profissionais. Na luta silenciosa e sem palavras que suas influências travaram na minha formação saiu vitorioso o professor Teófilo. De que instrumentos dispunha para detectar assim, com mais segurança, minhas preferências, aptidões, ou quem sabe ‘vocação’, jamais poderei saber. Mas, certo dia, ao ter que responder à interpelação irritada de meu pai, quando se fazia hora de decidir meu destino. [...] A resposta veio de pronto: ‘Se não for professor, não serei mais nada!’ (LEMME, 1988, p.113-114).

Paschoal Lemme por pertencer a uma família onde o pai era cirurgião dentista, e este em diversos momentos, devido à prosperidade que conquistava desempenhando seu ofício no Rio de Janeiro, solicitou aos filhos que ingressassem na profissão, inclusive o garoto Paschoal. Porém Paschoal não se “encontrava” na profissão, e diversas vezes recorda-se do professor Teófilo como o grande motivo de suas inspirações na esfera da educação. O professor Teófilo teria identificado em Paschoal Lemme e confiado a ele toda uma ampla rede de possibilidade na esfera da educação brasileira no início do século XX.

---

<sup>16</sup> Paschoal Lemme não assistiu essa nova mudança, pois quando a construção dos novos prédios foram concluídas, o mesmo já tinha finalizado o curso primário. Porém conheceu as novas instalações, já como professor, primeiro para substituir uma professora licenciada (1923), e depois já em caráter efetivo do curso complementar oficializado depois pela Reforma Fernando de Azevedo (1927-1930). Em 1919, Paschoal Lemme ingressou na antiga Escola Normal do Distrito Federal. Para os exames de admissão a essa escola, Paschoal foi preparado pelo Professor Teófilo, juntamente com um grupo de moças, “[...] creio que ele descobrira em mim, não sei como, algumas qualidades e condições para seguir a carreira que abraçava com tanta dedicação”. (LEMME, 1988, p.110-111).

## Considerações finais

A educação brasileira, nas primeiras décadas do século XX, esteve envolta em um panorama de memorização do conhecimento permeado pelos castigos no universo familiar e principalmente na escola, com a figura do professor carrancudo. Porém, a partir dos estudos autobiográficos de Paschoal Lemme, percebeu-se que o jovem Paschoal, ao longo da sua trajetória na escola primária, teve acesso a outras possibilidades de aprendizado, ao manter contato com um professor que implantou mudanças na educação do período, como exemplo temos o curso sobre trabalhos manuais nas escolas primárias e complementares do Rio de Janeiro.

O acesso que Paschoal Lemme teve a esse tipo de ensino e as ações que o professor Teófilo proporcionou aos meninos, que compunham a Escola Visconde de Cairu, possibilitou que o professor e seus métodos de instrução ficassem bastante conhecidos no Rio de Janeiro do início do século XX, devido à educação baseada no estudo e no trabalho. Tudo isso sendo guiado pelos esforços e conduta de um professor que pouco se encaixava nas tradicionais formas de educação baseada em métodos repressivos.

## Referências bibliográficas

BASTOS, Maria Helena Camara. A Educação do Caráter Nacional: leituras de formação. **Educação e Filosofia**. Jan-jun. 1998. p.31-50.

CATROGA, Fernando. **Memória, história e historiografia**. Coimbra: Quarteto, 2001.

FÉLIX, Loiva Otero. **História e Memória: a problemática da pesquisa**. – Passo Fundo: Ediupf. 1998.

FERRO, Maria do Amparo Borges. **Cazuza e o sonho da escola ideal**. São Luis: EDUFMA, 2010.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

LEMME, Paschoal. **Memórias 1: Infância, adolescência, mocidade**. São Paulo: Cortez: [Brasília, DF]: INEP, 1988.

LEMME, Paschoal. **Memórias 2: Vida de família, Formação profissional, opção política**. São Paulo: Cortez: [Brasília, DF]: INEP, 1988.

LEMME, Paschoal. **Memórias 3:** Reflexões e estudos sobre problemas da educação e ensino. Perfis: Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, Heloisa Alberto Torres, Humberto Mauro, Sousa Silveira. São Paulo: Cortez: [Brasília, DF]: INEP, 1988.

LEMME, Paschoal. **Memórias 4:** Estudos e reflexões sobre problemas de educação e do ensino – Participação em conferências e congressos nacionais e internacionais, documentos. São Paulo: Cortez: [Brasília, DF]: INEP, 1991.

LEMME, Paschoal. **Memórias 5:** Estudos de Educação e destaque da correspondência com Fernando de Azevedo e outros. São Paulo: Cortez: [Brasília, DF]: INEP, 2000.

LOPES, Antônio de Pádua Carvalho. A escrita autobiográfica: os documentos pessoais e a história da educação. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides; VAINFAS, Ronaldo (Org.). **História e Historiografia.** Recife: Bagaço, 2006. p. 11-30.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da educação.** Rio de Janeiro: DP & A, 2001.

MELO, Salânia Maria Barbosa. **A Construção da Memória Cívica:** espetáculos de civilidade no Piauí. (1930-1945). Teresina: EDUFPI, 2010.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social, **Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, CPDOC-FGV, v.5, n.10, 1992, p.200-215.

POLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. In: **Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p.3-15.

<http://www.paschoallemme.com.br/apresentacao.html>. Acessado em: 26. 01. 2013, as 16: 10.

*Recebido em: 02 de fevereiro de 2018.*

*Aprovado em: 10 de abril de 2018.*